

RETRATO IMPRESSO, PELA REVISTA VIDA CAPICHABA, DA NORMALISTA NOS ANOS DE 1920

Sônia Maria da Costa Barreto - Instituto de Ensino Superior do Espírito Santo/PPG-
PUC/SP /UFES/FABAVI

Esse estudo tem como objeto de pesquisa a revista *Vida Capichaba*, na década dos anos de 1920, a fim de analisar a forma como esse meio de comunicação deu a ver e a ler imagens e representações da Escola Normal D. Pedro II, naqueles anos, bem como das alunas dessa tradicional instituição de ensino, no Espírito Santo.

Tendo em vista esse estudo, pretendemos, ainda, fazer um resgate político, social, econômico e cultural do Espírito Santo, nesses anos, a fim de contextualizar não só o período focado na pesquisa, mas também demonstrar como os meios midiáticos vinham contribuindo para formar e reafirmar concepções e imagens de um modelo de educação republicano. Procuraremos ainda, retratar algumas características da cidade de Vitória: a sociedade, a economia e o seu cotidiano. Também objetivamos relatar a origem da Escola Normal D. Pedro II, e a sua instalação na cidade de Vitória.

A IMPRENSA

A imprensa teve como berço, o capitalismo, sistema econômico e social que se caracteriza pela propriedade privada dos meios de produção, pelo trabalho livre assalariado, pela acumulação de capital, pela racionalização dos meios de produção e oportunidades de mercado para obter lucro. A busca de ampliação de mercados, e a expansão dos negócios levam a um enorme desenvolvimento das forças produtivas somadas a grande influência que os meios de comunicação de massa exercem sobre as pessoas, sobretudo levando em consideração o avanço tecnológico. Esse desenvolvimento da imprensa foi, naturalmente, paralelo ao progresso do mundo ocidental. “*O estreito vínculo entre a imprensa e a ordem capitalista aparece, também na evolução do problema da liberdade de informar e de opinar.*” (SODRÉ, 1999, p. 1).

A origem da imprensa brasileira remonta a 13 de maio de 1808, com a vinda de D. João VI, data em que foi criado o primeiro meio de comunicação de massa no Brasil: a Imprensa Régia, o

que foi muito importante para a divulgação das idéias políticas, econômicas e culturais e também para o desenvolvimento das artes gráficas.

No sentido de buscar compreender como a imprensa capixaba formou e consolidou formas de ver a sociedade, divulgou concepções e valores e contribuiu para a formação do imaginário social, formando opiniões principalmente acerca da educação, é que objetivamos, nessa pesquisa, investigar como a revista *Vida Capichaba* deu a ver e a ler imagens e representações da Escola Normal D. Pedro II, e da normalista capixaba nos anos de 1920. Dessa forma, vale ressaltar que tomamos como princípio que a [...] *imprensa exerce sobre o pesquisador um fascínio especial [...]. Portanto, Conhecer a história através da imprensa pressupõe um trabalho com método rigoroso, tratamento adequado de fonte e reflexão teórica.* (CAPELATO, 1988, p. 23).

A relação dos meios de comunicação e a sociedade têm suscitado diversas análises. É nesse sentido, que a revista *Vida Capichaba*, importante meio midiático me chamou a atenção, dando a ver e a ler representações e imagens da Escola Normal D. Pedro II e das normalistas que freqüentaram a escola nesse período, e as formas de retratar e propagar um modelo de ensino e de escola que estavam sendo colocados à disposição da sociedade capixaba naquela época.

REVISTA *VIDA CAPICHABA*

A revista *Vida Capichaba*, apareceu sob a direção de Garcia Resende, em abril de 1923, que fez circular até o número 3, reaparecendo dois meses depois, sob a direção de Manoel Lopes Pimenta e Elpídio Pimentel. Permaneceu em circulação por trinta anos retratando a vida social e política do Espírito Santo, representando o veículo de maior circulação no Estado. Foi a revista que mais tempo permaneceu periodicamente nas bancas. Considerada revista de mundanismo, com suas charges, artigos literários, poemas e colunas, ela conquistou público de três décadas.

Abordando temas variados, retrata a sociedade capixaba, mostrando ao seu leitor os interesses da elite. Estabelecida na Avenida Capichaba, 28, no centro da ilha de Vitória, também se comunicava por meio da Caixa Postal, 3853 e pelo telefone de número 117. Suas instalações ocupavam um edifício triangular. Na parte da frente ficavam três compartimentos, sendo que em dois deles era feita a composição dos textos pelos topógrafos João da Cruz e Petrolino Siqueira. No terceiro compartimento funcionavam a direção e a redação da revista. Nos fundos ficava uma impressora plana – Marinetti – operada por Luiz Gorassi.

No início de sua publicação era constituída de 36 páginas, com anúncios e seções divididas em artigos, trechos literários e avulsos. Circulava na capital e no interior do estado, onde mantinha representantes. Também era vendida de forma avulsa no Rio de Janeiro, Capital Federal, nos jornaleiros da Galeria Cruzeiro e do Largo São Francisco de Paula, esquina da rua do Ouvidor.

A revista *Vida Capichaba*, agrupava um leque de informações em suas colunas e abusava na publicação de fotografias. Era uma revista noticiosa que serviu para também para divulgar a educação e o modelo de ensino utilizado nos cursos normais da Escola Normal D. Pedro II, única escola pública formadora de professoras, conhecidas, quando ainda alunas dessa escola, de normalistas.

Segundo ROSTOLDO (200, p. 33, apud Bittencourt),

A “Vida Capichaba” congregava o que havia de melhor no jornalismo e nas letras espírito-santenses, constituindo-se, assim, em preciosa fonte de indicações e informações sobre as décadas de 1920, e 1940, no Espírito Santo, além de influenciar decisivamente a imprensa capixaba contemporânea.

Os objetivos da revista *Vida Capichaba* foram claramente explicitados para o leitor, em sua primeira edição:

“Toda cidade linda tem uma revista linda, que conta a sua história, que perpetua as suas emoções, que perfuma a sua galanteria, que exalta a sua elegância, como num pequeno livro de honras, as ânsias subtis de uma vida sentimental...”

Esse discurso impressionava os leitores que moravam numa “cidade linda”, e demonstrava sua preocupação com os leitores, que representavam a sociedade consumidora do produto que acabara de lançar, atribuindo-lhes uma vivência “perfumada, elegante e sentimental”.

A história da revista mostra como vivia a população que residia em Vitória e nos outros municípios do Estado. A cidade de Vitória era constituída por uma sociedade que foi se instalando numa ilha que tinha duas cancelas, uma próxima ao Clube Saldanha da Gama, e outra na região da Vila Rubim, que dividiam a cidade da área rural. Tempo em que o bonde era o principal transporte, inclusive levando os defuntos para o Cemitério de Santo Antônio. Com suas ruelas estreitas e movimentadas, praças com árvores seculares e construções luxuosas, a capital

abrigava a elite do Estado. (Revista *Vida Capixaba*, edição comemorativa, 2003, pág. 5).

No sentido de buscar compreender como a imprensa capixaba retratou e consolidou formas de ver a sociedade, divulgou concepções e valores e contribuiu para a formação do imaginário social, formando opiniões principalmente acerca da educação, é que objetivamos, nessa pesquisa, investigar como a revista *Vida Capixaba*, primeira revista de repercussão e única especializada em mundanismo nesse período, construiu discursivamente as representações da Escola Normal D. Pedro II, e da normalista capixaba nos anos de 1920.

A imprensa tem um papel central que é a informação, mas também pode desempenhar outras funções, como a de integração social, expressão de opiniões, estimuladora de opinião pública, democratização da informação, dentre outras. Também é visto na sua natureza ideológica, submetido à lógica do poder e da dominação.

É nesse sentido, que a revista *Vida Capixaba* traz interesse para a área de comunicação nos mostrando representações e imagens da Escola Normal D. Pedro II e das normalistas que freqüentaram a escola nesse período, por meio de imagens visuais e textos verbais. Essa pesquisa favorecerá não só a compreensão de aspectos da cultura, do público leitor, da produção literária que marcou uma época na história dos meios de comunicação capixaba, representado nos limites deste trabalho pela revista *Vida Capixaba*.

O ESPÍRITO SANTO NA DÉCADA DE 1920

No início do século XX, o Espírito Santo ainda apresentava um quadro administrativo com características de província. A expansão das lavouras cafeeiras foi decisiva no desenvolvimento do Espírito Santo. O café tornou-se destaque, expandindo-se como cultura predominante da economia agro-exportadora do norte ao sul da Província.

Para comercializar o café e negociar com os compradores, dois bancos se fizeram necessários no Estado. “Em 1910, o Banco Inglês foi instalado na Rua da Alfândega e mais tarde, em 1911, o Banco Hipotecário e Agrícola do Espírito Santo.” (FRANCO, 2001, p. 58).

Não se pode deixar de considerar que:

Paralelamente, à cultura cafeeira, desenvolveram-se atividades terciárias, abrindo espaço para o desenvolvimento e o progresso. Nasceram núcleos

urbanos, serviços ligados ao transporte, beneficiamento do café, indústrias artesanais, comércio varejista, construção civil, comércio. Expandiram-se os serviços públicos. Com o decorrer do tempo, os núcleos urbanos prosperaram, favorecendo o surgimento de cidades, ampliando-se, assim, os laços das relações sociais já existentes. (BARRETO, 1999, p. 46).

As indústrias aqui instaladas durante o governo de Jerônimo de Sousa Monteiro (1908-1912), passaram por sérios problemas financeiros na década de 1920, ocasionados por falta de mão-de-obra especializada, capital de giro, matéria-prima e mercado receptivo, devido ao fechamento de portos europeus ocasionado pela deflagração da 1ª Guerra Mundial. O sistema econômico, político e social permaneceu estreitamente vinculado à ordem capitalista mundial, em fins do século XIX. Esse desenvolvimento capitalista de produção provocou a divisão social do trabalho mais especializado, dividindo a sociedade capixaba em três classes sociais distintas:

- elite – constituída de políticos, funcionários públicos de categoria superior, juristas, exportadores de café, e os grandes proprietários de terra;
- intermediária – constituída comerciantes, funcionários públicos, profissionais liberais, professores, estivadores, operários, e pequenos proprietários de terra;
- pobre – constituída de enfermeiros, bóias-frias, artesãos, biscateiros, vendedores, coveiros, costureiras, domésticas, telefonistas e lavadeiras.
- PACHECO (1998) caracteriza a sociedade capixaba no período de 20 a 30, como machista, tradicional e conservadora. Não possuía uma identidade que pudesse aparecer como expressão nacional. Buscava compartilhar os acontecimentos locais, e espelhar-se nas grandes cidades brasileiras e do mundo, numa situação de dependência e subordinação.

O lazer era desfrutado pelas classes intermediária e pobre, aos domingos, feriados e datas cívicas e religiosas, quando as pessoas se reuniam com familiares e vizinhos para participar de atividades oferecidas pelo poder público ou pela Igreja que se resumiam em partidas de futebol, desfiles militares, missas e procissões, ocasionando uma quebra de rotina da população.

Para a elite, as opções de lazer eram ampliadas com apresentação de peças no Melpôme, primeiro teatro de Vitória. O cinema Politeama, localizado no Parque Moscoso, centro de Vitória, foi o mais importante, tendo como clientela pessoas de diversas camadas sociais.

O relato das festas escolares, e também das festas da elite imprimia uma marca predominante na publicação, contribuindo para a reprodução da imagem e disseminação dos valores desta classe. A revista *Vida Capichaba* publicou esses acontecimentos, e também outros, como exposição de trabalhos das alunas da Escola Normal D. Pedro II., e colunas desportivas com participação das alunas normalistas.

Um agravante tornou preocupante a situação econômico-financeira do país no final dos anos 20. Durante a presidência de Washington Luís (1926-1930), a economia capitalista deparou-se com a crise de depressão, que, em 1929, eclodiu nos *Estados Unidos*, culminando com a falência da Bolsa de Valores, em Wall Street, Nova York. Repercutiu em todo mercado internacional e desorganizou a economia brasileira. O Espírito Santo, como os demais estados, também sofreu as conseqüências em sua política econômica pautada no seu principal produto, o café.

EDUCAÇÃO E IMPRENSA

Para atender à demanda de escolarização, era necessário que houvesse cada vez mais professores. Nessa época, houve ainda uma mobilização em prol do magistério como atividade feminina, propiciando uma maior procura pelo acesso à formação que a Escola Normal D. Pedro II oferecia. Vale ressaltar que,

“...começava a prevalecer a idéia da necessidade de se instruírem as mulheres, pois, uma vez que eram as responsáveis pela educação dos filhos, poderiam ser, também, pela formação de bons cidadãos. No início da fase republicana, os ideólogos da República defendiam a idéia de que a mulher era a responsável pela constituição das gerações futuras e, em conseqüência, pelo futuro da nação. A nação dependeria, portanto, da forma como as mulheres educavam seus filhos e seus alunos.” (FRANCO, 2001, p.84).

A professora normalista, formada pela Escola Normal, historicamente, carregava estereótipos que são intrínsecos a idéia da mulher submissa, amorosa e solidária, sublimando a necessidade de ser o profissional reflexivo, sujeito de sua linguagem e de sua representatividade social. Assim, essas alunas viam no diploma a segurança de uma profissão elevada e digna, um meio de triunfar na vida, de ser útil à sociedade e à Pátria, além de desfrutarem de um sacerdócio, segundo palavras da professora Maria Stella de Novaes, em discurso de formatura, no ano de 1926: “...O dia em que se sangram novas sacerdotisas do Bem, em que

se comemorava uma victoria da Instrucção, em que saudamos os novos professores é de gloria e de esperança para o Estado, para a sociedade e para a mocidade em flor. “ (Revista Capichaba, anno IV, n. 82, em 15 de dezembro de 1926).

A *Revista Vida Capichaba* retratou a importância dos projetos educacionais no Espírito Santo, e a representatividade da Escola Normal D. Pedro II na sociedade capixaba, responsável pela formação das jovens professoras normalistas no desenvolvimento de suas práticas pedagógicas cotidianas. A mídia impressa foi importante para ressaltar as linhas norteadoras do processo de ensino oficial, e os “benéficos” resultados em torno de tal investimento. “... *as notas jornalísticas desempenhavam a função de informar à comunidade escolar e à sociedade capixaba datas escolares referentes a procedimentos administrativos da Escola Normal...*” (SCHWARTZ, 2004, p.88).

A representatividade da Escola Normal D. Pedro II era vista com frequência nas páginas da *revista Vida Capichaba* divulgando notas sobre as formaturas, os discursos dos paraninfos, a participação das normalistas em eventos cívicos e esportivos, exposições de trabalhos, concursos, entrevistas e outras notícias.

Com as transformações sociais mais amplas exigindo mudanças na imagem da normalista, a escola buscou combinar características modernas com alguns traços tradicionais, visando formar na Escola Normal D. Pedro II, jovens normalistas seguras e responsáveis, além de meigas, dóceis e resistentes aos hábitos modernos e nocivos.

ESCOLA NORMAL

A instituição “escola normal” e suas reformas têm sido objeto constante de análises por parte dos teóricos da educação, pesquisadores e todos aqueles que de algum modo se interessam pelo problema educacional brasileiro.

Com a Lei no. 113 de 12 de junho de 1867, o Liceu passou a chamar-se “Colégio Espírito Santo”, freqüentado por 325 meninos, que, com novo plano e organização foi instalado em 2 de março de 1868, até a sua organização definitiva em Escola Normal para a formação do professorado, o que se concretizou pelo Decreto no. 674 de 6 de dezembro de 1869, que o transformou em “Colégio Normal Nossa Senhora da Penha”, criando-se o curso normal com a finalidade de habilitar professores para o ensino primário, iniciado com 38 meninas. A partir

desse encaminhamento, somando aos esforços dos educadores e dos dirigentes em fundar um curso normal pensavam em redundar em uma Lei, que se consubstanciaria em ideais e lutas. E assim, foi criada a Escola Normal no Espírito Santo.

No ano de 1879, coube ao Dr. Elizeu de Souza Martins, quando presidente da província, a construção da “Casa de Instrução Pública”, instituição laica e públicas. As primeiras leis aplicadas no Espírito Santo, no regime republicano, foram elaboradas pelo Presidente, Dr. José de Melo Carvalho Moniz Freire¹ que baixou o decreto no. 4 de 4 de junho de 1892 criando oficialmente a Escola Normal, segundo a historiografia local. Em 1925 passou a chamar-se Escola Normal D. “Pedro II”, em homenagem ao segundo imperador do Brasil, cujo centenário de nascimento se comemorava naquele ano.

Ao analisar a imagem da professora normalista, formada pela Escola D. Pedro II, nos anos de 1920, que ganhou visibilidade na imprensa capixaba, representada pela revista *Vida Capichaba* busca-se compreender as diferentes concepções dadas a ver e a ler da imagem da Escola Normal D. Pedro II. Chartier ressalta que a imagem é, muitas vezes, uma proposta de protocolo de leitura, sugerindo ao leitor uma completa compreensão do texto, o seu justo significado, podendo constituir-se num lugar de memória, de cristalização, numa representação única, enfim, numa história.

A imagem da normalista pura, sublime e elevada, dos anos de 1920, condiz com o lema da Escola Normal D. Pedro II, contido na frase latina “*Sic itur ad astra*”, traduzida por Artur de Rezende em “Frases e Curiosidades Latinas”: “É assim que a gente vai aos céus; é assim que uma pessoa se torna imortal”. Literalmente, a tradução seria: “Assim se vai nos astros”.

Cabe, ainda, mencionar que a normalista, no exercício da profissão, orientando os alunos como se fossem seus próprios filhos, afirmava sua capacidade profissional e intelectual. Dentro deste espírito é que se pensava na escola como uma continuação do lar e buscava-se estabelecer um “continuum” entre as funções de professora e mãe. Para essa reconstrução, é preciso incorporar à análise histórica, bem como a análise filosófica, a idéia de que, para compreender o que a Escola Normal realizou em seu passado, há necessidade de um estudo acerca do desempenho do seu papel social e também do ideário contemporâneo presente na década de 1920.

¹ Governou a Província do Espírito Santo de 1892 a 1896.

Referências

BARRETO, Sônia Maria da Costa. **Políticas Educacionais no Estado do Espírito Santo (1900-1930): um olhar histórico**. Vitória: EDUFES, 1999.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Imprensa e História do Brasil**. 2ed. São Paulo: Contexto, 1994.

FRANCO, Sebastião Pimentel. **Do privado ao público: o papel da escolarização na ampliação de espaços sociais para a mulher na Primeira República**. 2001.297 p. Tese (Doutorado em História de Educação) - Faculdade de Filosofia, Letras e História da Universidade de São Paulo.

PACHECO, Renato. **Os dias antigos**. Vitória: EDUFES, 1998.

FRANCO, Sebastião Pimentel, HEES, Regina Rodrigues. **A República no Espírito Santo**. Vitória: Multiplicidade, 2003.

Revista Capichaba, anno IV, n. 82, em 15 de dezembro de 1926.

Revista Vida Capichaba. Edição Comemorativa. 2 ed. Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo: Vitória, 2003.

ROSTOLDO, Jadir Peçanha. **Vida Capichaba: o retrato de uma sociedade – 1930**. 2000, 55f. (Monografia) – Curso de Graduação em História do Centro de Estudos Gerais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2000.

SCHWARTZ, Cleonara Maria. **“Tradicional Instituição” e “Ensino de Qualidade”: representação e imagem da Escola Normal D. Pedro II nos anos de 1950 - Vitória (ES)**. 2004.221 p. Tese (Doutorado em História da Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 4ed. [atualizada]. Rio de Janeiro: Mauad, 1999